

# **A TERRITORIALIZAÇÃO DO TRABALHO DE ENTREGADORES POR APLICATIVOS EM CATALÃO (GOIÁS): APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELAS PLATAFORMAS, PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIA LOCAL**

*The territorialization of app delivery workers in Catalão: appropriation of urban space, precarization and local resistance*

Arcilon de Sousa Filho – [professorsousafilho@hotmail.com](mailto:professorsousafilho@hotmail.com)

Prof. Dr. Ronaldo da Silva – [ronaldo\\_silva@ufcat.edu.br](mailto:ronaldo_silva@ufcat.edu.br)

## **RESUMO**

A pesquisa foca em três aspectos principais: as dinâmicas de trabalho e mobilidade dos entregadores; a lógica algorítmica de controle e extração de dados; e as formas emergentes de organização coletiva desses trabalhadores. A partir de entrevistas, observação de campo e análise geoespacial, discute-se como a atuação desses trabalhadores se insere na lógica do capitalismo de plataformas, com impactos sobre o espaço urbano, os fluxos econômicos e as condições de vida e trabalho. O artigo contribui para o debate sobre o papel das plataformas digitais na reorganização do território e nas formas contemporâneas de exploração do trabalho.

**Palavras-chave:** territorialização do trabalho; uberização; precarização; plataformas digitais; extração de dados; Catalão.

## **INTRODUÇÃO**

Esse texto deriva de uma dissertação de mestrado em elaboração no Programa de Pós-graduação em Geografia na UFCAT – Catalão. A pesquisa está em desenvolvimento e aqui se apresenta uma reflexão inicial.

A presença das plataformas digitais transformou profundamente as relações de trabalho e o uso do território nas cidades brasileiras. Em municípios como Catalão (GO), o trabalho dos entregadores por aplicativos revela não apenas a intensificação da precarização, mas também novas formas de controle algorítmico e extração de valor — inclusive por meio da coleta de dados. Esses trabalhadores, ao se deslocarem constantemente pela

cidade, atuam como verdadeiros *scanners* urbanos. Cada rota, parada, pedido e interação é registrada pelas plataformas, que utilizam essas informações para ajustar preços, antecipar demandas e redistribuir tarefas — tudo isso sem qualquer contrapartida aos entregadores. Dessa forma, além de mão de obra precarizada, os trabalhadores tornam-se fontes estratégicas de dados, alimentando algoritmos que operam para maximizar os lucros das empresas.

A territorialização do capital digital se manifesta na apropriação do espaço urbano pelas plataformas, transformando hábitos de consumo, dinâmicas econômicas e a organização social do trabalho. Este artigo busca compreender como essa dinâmica se desenrola em Catalão, evidenciando as contradições entre a modernização tecnológica, a precarização das relações de trabalho e as possibilidades de resistência coletiva.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de base materialista, inspirada na geografia crítica e nos estudos do trabalho. Também foram utilizados mapas e registros geoespaciais para identificar os principais fluxos, pontos de concentração e rotas mais utilizadas no cotidiano dos trabalhadores.

O método dialético permitiu compreender o movimento contraditório entre o avanço tecnológico e o aprofundamento da precarização. O foco foi compreender a ação das plataformas enquanto agentes produtores de território, bem como os mecanismos de dominação e resistência que emergem no espaço urbano. A partir disso, foi possível sistematizar os elementos que caracterizam a plataformação do trabalho e sua relação com as dinâmicas locais de Catalão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados revelam que a chegada das plataformas digitais em Catalão intensificou processos de precarização que já estavam presentes em formas anteriores de entrega, como motoboys contratados diretamente por restaurantes e comércios locais. Antes das plataformas, havia vínculos mais estáveis, mesmo que informais, e uma rede de confiança baseada em relações diretas entre comerciantes e entregadores. Com a mediação algorítmica das plataformas, essas relações foram despersonalizadas e substituídas por uma lógica impessoal, competitiva e controlada por mecanismos digitais. Neste contexto os entregadores criaram estratégias no território urbano que se estabelecem principalmente na região central de Catalão, área com alta densidade de restaurantes e no

Rodoshopping por conta da praça de alimentação no local. Embora não atuem exclusivamente no centro, a concentração nessas áreas se dá pela maior oferta de pedidos e melhor tempo resposta para as entregas. Por outro lado, a expansão das entregas para bairros periféricos tem ampliado a territorialidade das plataformas, elevando o custo final do produto para o cliente. Além disso, essas rotas mais longas intensificam a coleta de dados georreferenciados, que são extraídos e utilizados pelas plataformas sem qualquer retorno aos trabalhadores que são os produtores, coletores deles.

As entrevistas indicam que os trabalhadores percebem claramente a precariedade da atividade: ausência de direitos trabalhistas, instabilidade na remuneração, exposição a riscos e ausência de suporte das plataformas em situações de conflito, acidente ou problema técnico. Ainda assim, muitos mantêm-se no trabalho reproduzindo o discurso da "autonomia" que mascara a dependência econômica e o controle exercido pelas empresas. Cabe investigar mais o papel da ideologia no discurso da autonomia e do empreendedorismo, muito comum entre os jovens na internet. Por que um jovem com uma moto entregando alimentos de forma precária se enxerga como empreendedor e empresário?

Embora não haja movimentos permanentes de resistência nem organização de representação entre os entregadores em Catalão, houve adesão pontual ao movimento nacional **"Breque dos Apps"**, realizado nos dias 31 de março e 1º de abril, em defesa da valorização do trabalho. Essa participação revelou uma insatisfação latente, ainda que limitada por uma forte crença ideológica na autonomia do trabalho por aplicativo — marcada pela ideia de que não há patrão, que são empreendedores, de que o próprio trabalhador define seus horários e sua renda. Esse imaginário dificulta a construção de uma consciência coletiva e a articulação de formas mais duradouras de organização.

Nessa pesquisa está previsto dialogar com os entregadores, donos de estabelecimentos de alimentação e também com o poder público municipal sobre vários desafios na relação com as plataformas digitais e o contexto urbano tais como: acidentes, condições de trabalho, subordinação, remuneração entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta que a territorialização do trabalho por aplicativos em Catalão reflete um processo mais amplo de reestruturação do capital sob a lógica da plataformização. As plataformas digitais não apenas reconfiguram o espaço urbano

e os fluxos de mobilidade, mas também impõem um novo regime de exploração, baseado no controle algorítmico, na vigilância permanente e na extração de dados comportamentais dos trabalhadores.

Esses elementos evidenciam como a plataformização do trabalho impõe aos entregadores uma condição de constante vigilância, intensificação da exploração e redução da autonomia. Ao mesmo tempo, o uso intensivo de dados pessoais e geolocalização mostra a natureza extrativista das plataformas digitais. Como argumentam Srnicek (2017) e Zuboff (2020), o modelo de negócios das plataformas digitais se sustenta na captura de informações comportamentais e na previsão algorítmica de ações humanas, o que aprofunda a lógica de exploração para além da força de trabalho: agora, os dados dos trabalhadores também são apropriados como ativos comerciais.

Nesse cenário, o território urbano de Catalão é reconfigurado não apenas pelos fluxos de mercadorias e deslocamentos dos entregadores, mas também pela lógica informacional imposta pelas plataformas digitais. O espaço da cidade passa a ser mediado por algoritmos que controlam trajetos, demandas e remunerações, enquanto os trabalhadores desenvolvem estratégias cotidianas de adaptação, como escolha de pontos estratégicos para aguardar pedidos ou alternância entre aplicativos, ainda que limitadas por condições precárias e pela ausência de organização coletiva permanente.

Essa disputa revela uma contradição fundamental: enquanto as plataformas digitais modernizam os serviços de entrega e moldam novos hábitos de consumo, também aprofundam desigualdades históricas no mundo do trabalho e intensificam mecanismos de controle e subordinação dos trabalhadores. As experiências locais de insatisfação e mobilização, ainda que pontuais, indicam que a luta por direitos exige uma reflexão crítica sobre o papel das tecnologias na organização do trabalho e na produção do espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- CAMPOS, Rafael Grohmann. *Plataformas digitais e trabalhadores: entre a uberização e o trabalho decente*. Revista EPT, v. 4, n. 1, 2021.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

- SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataforma*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- TOZI, Fábio. *Plataformas Digitais e o Processo de Precarização do Trabalho*. In: Anais do XIV Encontro Nacional da ANPEGE, 2021.